

Notas da Assembleia com padre Julián Carrón

Espaço Anhanguera/São Paulo, 13 de março de 2016

Marco Montrasi (Bracco). Boa tarde a todos! Estamos aqui conectados com mais quinze cidades do Brasil, além de São Paulo. Em primeiro lugar, gostaríamos de lhes agradecer, pois chegaram muitas contribuições, muitos testemunhos de pessoas que quiseram fazer perguntas ou contar ao padre Carrón um pouco do caminho feito. Por essas contribuições, é possível ver que estamos enfrentando um momento dramático: além dos dramas pessoais, das doenças, dos problemas na família – testemunhos muito significativos e bonitos do caminho que está sendo feito –, também vemos o momento dramático que todos conhecemos: a crise econômica e a crise política. Hoje é um dia particular [refere-se às manifestações que ocorreram no país], e todos nós podemos pensar em como chegamos aqui, no que estamos sentindo, no que estamos experimentando. Temos raiva, desilusão, decepção, medo, etc. Eu penso no momento de crise como aquele do cartaz que está aqui [refere-se ao cartaz de Páscoa: Jean de Dieu, *Jesus e a mulher adúltera* (1680), Catedral de Chartres, França]. Pensamos num cartaz de Páscoa bonito, é uma imagem da catedral de Chartres, mas aquele foi um momento de crise: uma mulher surpreendida com outro homem, talvez o homem que foi traído estivesse lá com a pedra na mão... um momento de desconcerto, duro, difícil. Porém aconteceu algo imprevisto, imprevisível, e é por isso que a imagem está lá. Desta forma, hoje, entre todas as contribuições que chegaram, escolhemos algumas mais significativas, que agrupam as várias temáticas que vocês apresentaram, para entrarmos nesse tema do cartaz.

Otoney (Salvador). Boa tarde! Carrón, no livro que você lançou recentemente na Itália, ainda sem tradução no Brasil, *A beleza desarmada*, consta uma palestra de 2011 cujo título é “A crise, desafio para uma mudança”. Você começa citando trechos do Gênesis, como “E Deus viu que era uma coisa boa”, e continua dizendo: “Como pôde o povo de Israel ter uma convicção tão segura da positividade da realidade, depois de toda a sua história de sofrimento, tribulação de todo gênero?”. Esse texto me tocou, pensando também no momento em que o Brasil se encontra: nós vivemos uma crise generalizada, uma crise do humano. E também me tocou o fato de que você disse essas coisas no epicentro da crise econômica italiana e europeia. Para lhe dar alguns elementos, hoje nós temos uma presidente da república que sofre processo político de *impeachment*; há um processo judicial no tribunal eleitoral também para cassar a chapa da presidente e do vice, por corrupção; temos o presidente da câmara com um inquérito aberto; há sete pedidos de inquérito para o presidente do Senado (só para se ter uma ideia). Nosso ex-presidente também está respondendo a processos, agora com um pedido de prisão. Do ponto de vista econômico, dados básicos: perdemos 3% do PIB em seis meses, podendo chegar a 8,7% em quatro meses, o que é uma coisa inacreditável; 10 milhões de pessoas perderam trabalho formalmente em oito meses. Eu, por exemplo, tenho um escritório de advocacia, demiti cinco pessoas, tenho clientes que não me pagam há sete meses; clientes que sempre me pagaram hoje têm dificuldades de me pagar, e a dificuldade não é porque não querem, mas sim porque não conseguem. E a minha pergunta dentro desse quadro é a seguinte: como um homem adulto, com filhos, e agora sem trabalho, com contas para pagar, pode afirmar essa irreduzível positividade do real a que você se refere? Que trabalho é necessário a razão fazer para acolher essa positividade?

Julián Carrón. Boa tarde a todos! É um prazer poder compartilhar com vocês este diálogo, sobretudo numa situação como a que Otoney acabou de descrever. Uma vez que é uma situação que

nenhum de nós desejou, constitui um desafio à nossa fé. Serve para aquilo que vivemos? Adianta o trabalho que fazemos? Pertencer ao Movimento é útil para enfrentar um desafio deste calibre ou é, no fundo, algo inútil? Impressiona-me como o desígnio de Deus nos desconcerta. Sempre faço uma pergunta simples, banal: quem quisesse mudar o mundo, se vocês decidissem mudar o mundo, por onde começariam? O que fariam? Que iniciativa tomariam? Aposto que quase ninguém faria como Deus fez, porque Deus começou a mudar o mundo escolhendo um homem: Abraão. Mas que realismo de Deus é esse?! Será que não é frágil demais, não está fadado ao fracasso esse método para mudar a realidade? É por isso que a situação atual desperta ainda mais potentemente a pergunta que Dostoiévski fez há mais de um século: um homem do nosso tempo, com sua capacidade de razão e liberdade, com toda a sua cultura, com todo o seu instrumental intelectual, com tudo o que sabe, pode acreditar ainda, realmente, em Jesus Cristo? Para nós, será que acreditar é uma forma de nos distrairmos um instante realizando gestos de piedade, mas, no fundo, inúteis para enfrentar os desafios da vida? É por isso que uma situação como a que estamos enfrentando agora é um desafio que não diz respeito a algo secundário. Como se pode sair desta situação? Repito: o que vivemos, a nossa tentativa de viver a pertença à Igreja numa realidade como o Movimento de Comunhão e Libertação adianta para algo? Uma sugestão, que nos faz refletir, aparece na frase que Otony citou e é praticamente o início da Bíblia: vendo a realidade, Deus ficou contente porque ela era boa (você veem todos os dias o quanto a realidade, num país como o Brasil, seja boa). Mas como é que o povo de Israel chegou a esta certeza? Porque, ao povo de Israel, como todos sabemos, não foi poupada nem sequer uma provação! Foi escravo no Egito, depois teve de conquistar a terra prometida lutando, depois se afastou de Deus aceitando pactos com outros povos para sobreviver, até que foi dispersado e mandado para o exílio. Não estamos falando do mundo de Walt Disney! Estamos falando do mundo real, tal qual o povo de Israel o sofreu. Mas justamente quando o povo está no exílio, quando parece que tudo tenha desmoronado definitivamente, foram escritos os textos contidos no início da Bíblia. Como pode o povo de Israel no exílio dizer que a realidade é boa? Que experiência teve Israel, se nem mesmo no exílio pôde esquecer que a realidade é boa? Porque, se havia uma crise num país, aí é quando era expulso e mandado para outro país! Por que, então, para os judeus no exílio a realidade é boa? São visionários, não são realistas? Nenhum outro povo que vivia ao redor de Israel se comportou assim: para os outros, quando o povo era derrotado, era derrotado também o deus deles, e tudo estava acabado! Era para ter acontecido assim também com o povo de Israel, como tinha acontecido com todos os outros: mandados para o exílio, teriam deixado tudo de lado, porque era o sinal mais patente da derrota do seu deus. Mas não foi assim. Por quê? Eram visionários, eram estranhos, não queriam aceitar a realidade? Não. O fato é que Israel teve uma experiência tão positiva da relação com seu Deus, que nem mesmo quando a realidade ficou feia (o exílio) pôde deixar para trás o que tinha visto desse Deus; e justo isso permitia ao povo hebreu olhar a realidade de um jeito diferente. Para os outros povos, uma vez que não tinham essa experiência, a realidade ser positiva ou negativa dependia das circunstâncias, de modo que a realidade era dividida em duas partes: a positiva, boa, e a negativa, ruim. Pensavam isso de toda a realidade, e de fato estavam certos de que na origem de tudo havia dois princípios: um bom e um mau. Isto nunca aconteceu em Israel, o único povo em toda a história, em todo o Oriente Médio, onde tinha havido impérios como o babilônico, como o egípcio, como o mesopotâmico. Nenhum desses povos olhou para a realidade como a viu o povo de Israel. Para explicar isto aos meus alunos, eu sempre dava um exemplo: imaginem ir à Disneylândia, onde há muitas atrações e a possibilidade de se divertir com uma variedade interminável de brinquedos, e ver uma criança que diz ao pai “Olha isso, olha aquilo!”, descobrindo tudo a cada instante, surpresa com a beleza do que acontece. Tudo é positivo, a realidade é bela, é positiva. Imaginem agora que, por um descuido, o menino

fique sozinho no meio daquela confusão. Logo muda a percepção que ele tem da realidade. Por quê? Porque está perdido; sozinho, no meio da multidão, é como se já não conseguisse ver bem, como antes, toda a positividade da realidade que tem à frente. Mas, tão logo o menino reencontra os pais, tudo se torna de novo positivo, como no início. Qual é a diferença? A realidade? Não, a realidade é a mesma de antes, a realidade não mudou, mas mudou a forma com que o menino a vê. Quando está tomado pelo medo, quando está tomado pela solidão, quando é tomado pelo desconcerto, chora. Quando reencontra a bela relação com os pais, tudo muda. Esta é, muito simplesmente, a experiência que o povo de Israel fez: teve uma relação tão poderosa com Deus, teve uma experiência tão bela da relação com Deus que, mesmo quando as coisas pareciam complicar-se, não conseguia mudar o olhar sobre a realidade. E então, quando chega a crise e vai para o exílio, esta se torna uma ocasião para dar-se conta de qual é a experiência que tinha feito com Deus por todo aquele tempo. Faço questão de dizer que nada foi poupado ao povo de Israel, não é que o povo de Israel tenha vivido sem dificuldades, sem sofrimentos, sem crises, sem desafios para enfrentar. Não, viveu como todos os povos, mas com um vínculo tão forte, que na relação com a realidade não prevalecia a negatividade, nem sequer nas circunstâncias mais dramáticas. Porque aquela relação lhes permitia olhar bem, não ver a realidade só pelo buraco da ferida que tinha. Por isso, uma mulher judia, Hannah Arendt, diz que uma crise é uma ocasião para fazer perguntas a si mesmo, para descobrir qual é a profundidade da realidade. Na semana passada eu falava com um grupinho de universitários, e pensava que eles também vivem num mundo em que cada um diz o que quer, as pessoas estão desorientadas; esses garotos estão enfrentando situações em meio à confusão e às vezes estão como que perdidos. E eu pensava: isto é o que viveram também os discípulos. Os discípulos também viviam com Jesus, mas cada um tinha uma opinião diferente sobre Ele. Quando Jesus perguntou: “Quem dizem as pessoas que eu sou?”, responderam: “Uns dizem João Batista; outros, Elias; outros ainda, um dos profetas”. É a mesma tentação que nós vivemos agora: quem dizem as pessoas que nós somos, vendo-nos enfrentar esta situação de crise? Assistimos à televisão e vemos a cada cabeça uma sentença, e o que nós fazemos? Terminamos na confusão, como todos, porque não sabemos como sair desta situação. Impressiona-me sempre quando repenso em quando os discípulos estão no momento da crise: Jesus amava tanto os homens que, depois de ter respondido à fome multiplicando os pães, lhes diz: “Mas não se vive somente disto”. E começa a falar do pão da vida: “Se não comerdes da minha carne e não beberdes do meu sangue, não podereis ter a vida”. Então todos começam a dizer: “Mas esse aí é louco! É doido de pedra!”. Então os discípulos se veem diante de toda a avalanche de interpretações e ficam sozinhos com Jesus. O que vocês teriam feito para evitar que eles também fossem embora? O que teriam pensado em dizer aos discípulos para que não se confundissem como os outros? Pensaríamos em dizer: por que não faz um milagre para fazê-los entender quem Ele é? Mas os discípulos tinham visto milagres para dar e vender! Mais um milagre não teria mudado a situação. Jesus teria de fazer algum efeito especial de Hollywood para fazê-los entender quem era? E se nenhuma dessas coisas nos vêm à mente, nós talvez pensemos que, para ligá-los a si, podia usar uma chantagem afetiva: “Pelo menos vocês não vão embora, não me deixem sozinho!”. Não, Jesus não fez assim, Jesus lhes fez uma pergunta: “Vós também quereis ir embora?”. Fazendo esta pergunta, Jesus está zombando de seus discípulos? Em meio à crise, ao invés de uma resposta, põe uma pergunta?! Às vezes isto nos desconcerta. Mas Jesus dá a única resposta adequada, porque eles tinham visto os milagres por toda parte. A única coisa de que precisam não são outros milagres ou outros feitos particularmente admiráveis, mas dar-se conta do que viram por tantos dias, semanas, meses com Jesus. Porque, quando tudo parece uma confusão, alguém dizer “Tu também queres ir embora?” obriga os discípulos a ser homens e a usar a razão. É como se Jesus dissesse: “Pedro, olha para dentro de ti,

olha cada fibra de teu ser e dize-me quem eu sou para ti”. Então Pedro, justamente por esta pergunta de Jesus – se não a tivesse feito, Pedro não teria tomado consciência de Quem era –, se dá conta, sai da distração e diz: “Mas aonde vou? Só tu tens palavras com que enfrentar tudo na vida!”. E Pedro começa a olhar bem para tudo o que existe. Aquilo de que o homem precisa é ser gerado para que, quando chegarem os momentos de dificuldade, não fique perdido, possa continuar a olhar para a realidade sem medo, sem deixar-se tomar do susto pelo que sucederá, e possa continuar a ver a realidade em sua positividade, mesmo na crise! Quantas pessoas vimos crescer em face das dificuldades da vida! Isto quer dizer que não é um fingimento, que é uma realidade esta possibilidade de viver tudo, também as circunstâncias ruins, com uma positividade última. Então se entende por que Dom Giussani sempre nos ensinou que Cristo não veio para resolver os nossos problemas da vida, mas para despertar a nossa humanidade de forma a podermos enfrentá-los e colocarmos a mão na massa. É nesta situação que podemos verificar a experiência que vivemos, ou seja, se a nossa experiência, se o que vivemos nestes anos seguindo Dom Giussani é só sentimental e devocional, ou se gerou um “eu” capaz de permanecer perante os desafios que temos de enfrentar e capaz de olhar para a realidade em sua positividade. A realidade é positiva por ser habitada pelo Mistério. Mas isto, amigos, não se dá mecanicamente. Não ocorre simplesmente porque eu o diga ou porque Deus tenha mandado um *speech*, um discurso a Moisés. O povo de Israel entendeu tudo isto atravessando as dificuldades. Este é o desafio que temos à frente: estamos disponíveis a verificar se o que vivemos é capaz de enfrentar a crise ou não? Porque, de outra forma, nós saímos desta crise feridos de morte na fé, não na crise, mas na fé! Isto é, não teremos esperança para viver e para morrer. Pois podemos ser despojados de tudo, como o povo de Israel, podemos infelizmente perder o trabalho, mas esta é uma ocasião para nos perguntarmos: onde deposito a minha esperança? Que tipo de mudança é preciso trazer ao meu estilo de vida para poder enfrentar a situação? Que mudança deve ocorrer entre nós para sermos solidários com os que atravessam um período de dificuldades? Que amizade é necessária para, em vez de cada um pensar em isolar-se para se defender da crise, nos tornarmos mais amigos pois mais capazes de enfrentá-la juntos? Porque a tentação de todos, quando chegam os tempos difíceis, é fechar-se, isolar-se para se defender, pensando que, se se isolam defendendo o próprio perímetro, são mais capazes de sair da crise. Nós sabemos, por uma experiência de muitos anos, que o modo de viver a realidade é muito melhor na companhia de Cristo e na companhia cristã. Cada um decida: verifico ou me defendo? Cada um terá de responder à pergunta que Jesus fez a Pedro: “Tu também queres ir embora?”. Mesmo sem ir embora, podemos ficar aqui isolados, ou seja, não aceitando o desafio da verificação da fé.

Rose (São Paulo). Nos últimos tempos, eu tenho percebido em mim uma forma de viver meio morna, o que não tem me deixado muito satisfeita. Sempre vejo pessoas mais vivas do que eu, muito próximas de mim, mas mesmo assim eu fico pensando que não sei que passo dar, e isso só se confirmou numa conversa com a minha filha. Ela tem 19 anos, nasceu no Movimento, seus grandes amigos são do Movimento, mas já não estava querendo ir às coisas, às Escolas de Comunidade, e eu também nunca a forcei, mas tinha como que uma tristeza. Ela foi convidada para ir a um novo grupo de Escola de Comunidade, e foi a primeira vez que a vi voltar muito fascinada. Certo dia, quando o padre Julián de la Morena foi à nossa casa e ela contou isso, ele perguntou a ela por que não ia atrás daquilo, e ela respondeu que não podia, mas ele insistiu que ela ficasse atrás, que era mais importante do que passar no vestibular. Eu achei que ela não lhe tinha dado ouvidos e fiquei rezando. E ela foi para as férias, e ela costuma ir porque são muito boas, e voltou dizendo que tinha pedido ao Alexandre para participar daquela Escola de Comunidade. Eu fiquei muito contente! Ela

foi também a um gesto público que eles fizeram e voltou mais apaixonada ainda, e me disse que só havia ficado triste por não ter convidado uma amiga sua (uma amiga do Movimento). Eu perguntei por que ela não a tinha convidado, se é sua amiga e se ela está vendo uma coisa viva. E ela me respondeu que na verdade não queria que fosse muita gente do Movimento, que isto a faria perder a novidade. Depois me disse que é muito ruim ter nascido no Movimento, e eu fiquei mais chocada ainda. Eu perguntei por quê, e lhe disse que quando encontrei o Movimento foi uma grande novidade e fiquei fascinada. E ela me disse que era por isso: eu o havia encontrado, ela sempre esteve nele. Com isso, eu gostaria que você me ajudasse a entender (e é uma coisa que eu também já vi): onde nós nos perdemos, onde é que venceu a formalidade, onde é que perdemos esse gosto pela vida?

Carrón. Você me lembra uma escritora russa ligada aos nossos amigos de Moscou, Tatiana Kasatkina – é uma das maiores especialistas de Dostoiévski –, que dizia a respeito dos filhos: nós queremos um casamento conveniente, damos todas as condições para ser uma coisa normal, mas eles querem um amor louco, ou seja, um encontro imprevisto. É o que teve a sua filha. Tinha ido às férias por acaso, nem tinha convidado a outra amiga, e lhe aconteceu o imprevisto. Isto é muito interessante para nos ajudar a entender, pois o cristianismo não é um acontecimento por repetirmos que é um acontecimento, por dizermos isso estando acostumados às palavras que Dom Giussani nos ensinou, mas porque é assim! Se não suceder um acontecimento como o que ocorreu com a sua filha, não haverá cristianismo, mesmo que ela veja você e a sua família. A nossa tentativa é responder por nós mesmos a esse encontro que vivemos, para vivê-lo depois diante dos nossos amigos, dos nossos filhos, dos nossos colegas. Mas como se dá – numa pessoa como a sua filha –, não somos nós que o decidimos, nem mesmo tendo preparado todas as melhores condições para que se dê o acontecimento. É preciso um acontecimento, um imprevisto. Impressiona-me muito que, para Dom Giussani, isto não seja algo secundário. Marcou-me muito a história de uma amiga italiana. Dom Giussani lhe havia perguntado: “Você quer ir fazer o Movimento na cidade tal?”, porque o bispo lhe tinha pedido alguém para começar o Movimento na sua diocese. A coisa surpreendente é que, quando a minha amiga chegou lá, descobriu que já havia três ou quatro famílias do Movimento. “Se vocês estão aqui, por que Dom Giussani me mandou?”. “Isso é o que não entendemos: o bispo nos conhece, Dom Giussani sabe que estamos aqui, então por que a mandou?”. “Tudo bem, se Dom Giussani e o bispo querem que façamos o Movimento, vamos combinar o início da Escola de Comunidade na próxima semana”. Por um acaso, essa amiga encontrou Dom Giussani no fim de semana seguinte ao diálogo com eles e antes do horário da Escola de Comunidade e lhe disse: “Encontrei alguns amigos e combinamos em fazer Escola de Comunidade”. Dom Giussani teve uma reação imprevista: “Não! Você não vai fazer Escola de Comunidade com eles”. Ela ficou espantada e disse: “Mas eu já combinei com eles”. “Você diga a eles que não foi lá para fazer isso, mas para começar com os jovens”, e faz uma profecia: “Esses casais vão encontrar novamente o Movimento através dos filhos”. Minha amiga voltou e disse: “Tenho de cuidar dos Colegiais, não tenho tempo para fazer Escola de Comunidade com vocês”. De fato, depois, aconteceu exatamente que eles encontraram o Movimento vendo os próprios filhos. Por quê? Por Dom Giussani estar certo de que ou o cristianismo se dá como acontecimento, ou não há cristianismo, sua reação foi ditada por essa certeza. Porque, se num certo momento uma coisa que encontramos se tornou uma lembrança devota do passado que já não é presente e dizemos: “Agora vamos combinar em fazer uma obra juntos, ou fazer Escola de Comunidade juntos, ou fazer alguma iniciativa juntos”, não será isto o que vai preencher o abismo que se criou com o passado. É preciso que reaconteça, que reaconteça! Ou o cristianismo é algo que acontece, ou não é

cristianismo. Por isso, a resposta à sua pergunta é fácil: o cristianismo reaconteceu à sua filha. “Que passo eu devo dar?”. Seguir a sua filha, seguir a comoção, a vibração que você vê na sua filha. Não é porque você tem uma história por trás que, por isso, o cristianismo pode estar presente e vivo em nós. Alegre-se com o que aconteceu com a sua filha. “Mas como assim? Ela chega por último e me ultrapassa à direita e à esquerda, me supera?”. Este pensamento nunca passaria pela sua cabeça; você está muito contente que tenha sido assim com a sua filha. E isto pode acontecer, como aconteceu tantas vezes, também na vida do Movimento. Conto um episódio que foi emblemático na nossa história. Em 1978, Dom Giussani reuniu alguns com quem tinha começado o Movimento em meados dos anos 1950, os mais velhos que o tinham seguido, para lhes dizer: “Vejam que no CLU, nos universitários, está acontecendo agora uma coisa que não vejo no Movimento já faz quinze anos. É a emoção de voltar a trinta anos atrás, pois já faz quinze anos que eu não tenho essa emoção que eu via no começo em mim”. E o que Dom Giussani fez diante dessa emoção? Em vez de seguir aqueles com quem tinha começado, seguiu os novos, os universitários. Esta é única possibilidade para que o Movimento seja vivo: que sigamos o que Ele constantemente suscita entre nós. E Dom Giussani disse àqueles do início: “O que vocês têm de aprender de mim é uma coisa só: como se aprende”, porque só se aprende seguindo alguém. Mas quando lhes disse isto, ao invés de se alegrarem – como você –, eles se irritam. E ele comenta: “Era melhor nunca ter dito isso!”, muitos dos presentes foram embora da reunião desiludidos e irritados. Nós não entendemos que o único que realmente é a origem do Movimento se chama Jesus Cristo, e que Ele pode mover as águas de uma forma diferente de como nós fazemos; nós não seguimos o que Jesus faz perante os nossos olhos. Jesus o faz para nós, porque você dizia: “Nos últimos tempos, tenho em mim uma forma meio morna de viver”, e o que de melhor Deus pode fazer, senão lhe dar a sua filha viva? Não uma aula ou exercícios espirituais, mas a sua filha viva, entusiasmada, apaixonada! É fácil, não há outra coisa mais adequada e mais consoante à necessidade que temos do que ter na nossa frente alguém que nos arraste com seu entusiasmo, com sua vida, com sua vivacidade. Mas qual é o risco? Pensar que nós, mais velhos, estamos bem por já sabermos! E o último que chega deve me dizer o que é o Movimento, depois tantos anos no Movimento? Não é possível! Então nos irritamos e perdemos a ocasião para que aquilo que o Mistério nos dá se torne um presente, um dom para nós. Em vez de acolhê-lo como um dom, nos irritamos. Por isso, se vocês amam a sua comunidade, cada um à própria comunidade, não há outra regra: aprendam a aprender com Dom Giussani. E como se aprende? Não fazendo uma aula sobre o aprendizado, mas dizendo: “Vejo que agora o CLU está mais vivo, que os universitários estão mais despertos, que são mais capazes de tomar iniciativas. Por isso eu, em primeiro lugar, os sigo! Vocês façam aquilo que quiserem!”. Giussani sempre nos precedeu no método: não só nos explica como devemos proceder, mas vive-o ele mesmo em primeiro lugar, ele mesmo nos testemunha. Isto nos impede de perder o belo, porque, no momento em que o Movimento se torna um formalismo ou um hábito, não é que continuemos fazendo as coisas de sempre, mas se torna uma coisa que não interessa nem aos nossos filhos!

Adriano (Rio de Janeiro). O Papa, na sua audiência conosco do dia 7 de março de 2015, nos disse que todos os carismas devem ser “descentrados”, porque no centro deve estar só Jesus. Eu achava que tinha entendido, mas recentemente fui lembrado disso e me dei conta de que não tinha entendido. Tanto que, quando fui lembrado, pensei que quem falou tinha errado, mas depois verifiquei e o Papa diz exatamente assim. Então, se essa coisa de descentrar significa que o centro não é o que eu entendi do carisma, a nossa organização, tudo o que construímos, até a nossa companhia, não tenho problema nenhum – eu até fico feliz, como quando Dom Giussani nos disse naquele Tischreden: “Para mim, parece que não busquem a Cristo”. Mas, literalmente, sem o

carisma eu nem saberia como chegar àquele centro que é Cristo. O caminho, no final, seria uma escolha minha arbitrária, com todo o fundamento da minha inteligência e sensibilidade, portanto fraco. E, para mim, 100% do carisma é o caminho para entender e amar mais a Nosso Senhor. O que o Papa quer dizer, então?

Carrón. Ótimo! Essa é uma pergunta importante para entender o que nos disse o Papa; é muito útil relê-lo, porque estamos a um ano do dia 7 de março. Escrevia-me uma amiga nestes dias, maravilhada por tê-lo relido: “Hoje é 7 de março. Passou-se um ano do encontro com o Papa na Praça de São Pedro, e fui reler o que ele disse naquela circunstância. É incrível, porque, quando eu assisti ao vivo pela televisão, tinha sentido as suas palavras duras demais, e como muitos outros eu fiquei chocada. Relê-las agora é comovente. Quanta estrada essas palavras nos fizeram percorrer, quanto trabalho abriram entre nós e como nos mudaram! Seria uma ingratidão não reconhecer isto. As relações entre nós mudaram, nós mudamos”. Por isso eu os convido a retomá-lo. Porque depois ela acrescentava: “Quando vi isso, onde eu estava?! Que trabalho eu fiz para poder tornar minhas aquelas palavras?”. Isto quer dizer que nós, obviamente, devemos retornar àquele discurso, porque na primeira parte o Papa descreve o carisma com as mesmas palavras de Dom Giussani: o encontro de Mateus com Jesus, o alcance do encontro, o alcance desse encontro para a vida; quando descreve o carisma fala disso. Tanto é verdade, que depois diz que o carisma ainda está vivo. Então, quando chegamos àquelas palavras – que tinham parecido duras demais à nossa amiga –, não podemos esquecer o que nos disse antes. Porque isto é o carisma, ao passo que outra coisa (como dizia nossa amiga) é a forma com que nós tantas vezes vivemos o carisma. E essa outra forma, como ela diz, não é o que nos disse o Papa no início, tanto é verdade que a sua filha não tem nenhum interesse particular em vivê-lo de acordo com aquela forma reduzida que temos na cabeça, mas, quando encontra uma realidade viva, quando Cristo está no centro, quando o carisma resplandece de Cristo, então fica entusiasmada. A questão é que muitas vezes identificamos como carisma a nossa decadência do carisma! Ontem no jantar, uma amiga nossa contava que ela, que vive num país da América Latina, tenta convencer as pessoas sem conseguir, e então se perguntava: “Como é possível que eu, que tenho o carisma, não consiga convencer as pessoas? É inútil, não entendem, não são capazes de redescobrir o que são”, e me marcou muito que depois tenha dito “Eu sou *ciellina* de carteirinha”. E eu: “Vê? Há uma forma de ser *ciellino* [membro de CL] que não corresponde ao carisma ou que é uma queda em relação ao carisma”. O problema, então, é se nos damos conta e voltamos para Cristo, porque o centro do carisma é o que nos disse o Papa: Cristo. E dá para ver se vibra dentro de nós, se provoca em nós a emoção que aquela filha experimentou indo para as férias. Não é que temos o carisma porque nós o decidamos, nós o temos se os outros, antes de tudo, o veem em nós, se desperta neles o entusiasmo de participar do Movimento. Pois as pessoas iam atrás de Jesus justamente por isto: não podiam entender se era Deus ou não, para eles era muito complicado. Mas o que não podiam evitar era ir atrás de alguém de quem diziam: “Nunca vimos coisa igual!”. Não basta me darem uma definição ou reduzirem o carisma a certas práticas, porque, se através das coisas que fazemos não vibrar toda a intensidade do que encontramos, o que de nós interessará às pessoas? Por isso é incrível que aconteça isso, pois é o sinal de que Cristo não nos dá uma saída. Por quê? Porque não podemos deixar de pretender algo, como se disséssemos: “Encontramos o cristianismo, encontramos a verdade, e portanto...”. Não, não há “portanto...”, porque nenhum “portanto”, nenhuma consequência produzida por nós pode levar as pessoas a ser cristãs hoje. Existe somente um acontecimento. Temos muita dificuldade para entender o que nos diz Dom Giussani. Esta manhã eu lia uma carta – que talvez vocês tenham visto na *Passos* – que fala de um homossexual que está diante de um casal de veterinários e diz: “Que bom seria viver a

vida como você e a sua mulher! Viver como vocês se relacionam entre si, o trabalho como vocês o vivem”. Mesmo estando milhas e milhas longe da forma com que vivemos, quando uma pessoa faz um encontro assim é impossível que não lhe dê uma vontade irresistível de dizer: “Como seria bom viver assim!”. Tivemos recentemente uma reunião de responsáveis na Itália, durante a qual me contaram de um grupo de famílias que tinha conhecido alguns casais que, porém, não eram casados: cada um vivia com a companheira, mas nenhum tinha se casado na igreja. Nos últimos anos muitos se casaram, e neste ano há sete outros casais que querem casar-se, sem que lhes tivessem dito nem uma palavra sobre o fato de que deviam casar-se. É uma atração que vence. Se o cristianismo não é isto, se não pode ser válido também para esses que não se queriam casar, assim como para aquela filha, para que serve? Não é diferente. O cristianismo ou é um acontecimento – e por isso continua a acontecer diante dos nossos olhos – ou não nos interessará tanto assim.

Benê (Belo Horizonte). Faz uns dois anos, mais ou menos, que venho enfrentando uma situação no trabalho (de mudança no trabalho), e sempre me coloco nessa situação lembrando-me da questão das circunstâncias como uma provocação que Cristo usa para a minha vocação. E, dentro desse processo, por questões políticas internas num desses lugares, onde eu trabalhava havia 25 anos, acabei sendo demitido. Primeiro eu fiquei muito triste, depois com muita raiva – o que eu, na verdade, queria mesmo era “matar” aquelas quatro pessoas, que eu sei exatamente quem são –, mas depois, num encontro do Movimento, fui lembrado (por um testemunho que eu tinha dado sobre essa questão das circunstâncias) e eu fui forçado a olhar de novo para tudo o que estava acontecendo a partir do que eu mesmo tinha dito: que aquilo era uma provocação que Cristo me fazia. E depois daquele dia, ainda que, sinceramente, a raiva daquelas pessoas permaneça, eu comecei a me dar conta outra vez da vida, de querer viver, de querer trabalhar, de querer entender o que Cristo quer para o meu trabalho, para a minha vocação, como médico. E depois, num certo ponto, eu me dei conta de como, apesar de tudo o que aconteceu, eu não fui destruído. E eu fiquei maravilhado, porque eu tive a nítida sensação de que aquela situação me destruiria do ponto de vista psicológico, pessoal, ou mesmo financeiro...

Carrón. Essa é a vitória de Cristo! Vocês entendem? Quando todos ficam destruídos, ele não fica. Não nos é poupada a vida, mas a dificuldade não nos destrói. Eu lhe agradeço, porque isso significa – veem que não é uma fábula o que aconteceu com o povo de Israel? – que você não poderia ter imaginado não ficar destruído, como pensava antes de ter atravessado aquela situação. Não é que somos poupados, mas chegamos a esta convicção só quando Cristo testemunha em nós que Ele é mais poderoso do que tudo o que nos acontece. E por isso eu não fico destruído. Desculpe-me, mas queria juntar isso que você disse ao que eu dizia antes, porque às vezes falar da crise e dessas coisas parece ficção. *No way!* De jeito nenhum! A questão é que a maioria, por não crer, nem sequer verifica. É por pertencermos tanto à mentalidade de todos que dizemos: “Isto me destruirá”, e nem sequer tentamos verificar o que, durante um encontro de CL, escutamos como hipótese de resposta.

Benê. Então, surgiu em mim uma gratidão muito grande por Cristo, porque ficou claro para mim por que eu preciso d’Ele (senão não dava para viver). É uma gratidão pela companhia que Ele me deu, todos vocês, pelo sim de cada um, pela presença d’Ele na minha vida que vocês são. E, com isso, comecei a ver também como organizar a questão financeira, do trabalho, etc., mas sempre com o desejo de realmente entender o que Cristo está me dizendo; mais que a minha reorganização, o replanejamento da minha vida. Então eu pensei em algumas coisas que eu precisava fazer e pensei em dar uma parte desse tempo, alguma ajuda concreta ao Movimento. Fui falar com o Marquinho e,

como estamos passando em Belo Horizonte por uma reorganização, decidi dedicar um tempo para ajudar no Fundo Comum, surgiu em mim o desejo de retomar a caritativa. Porque eu intuí que, do modo como nós aprendemos, a caritativa seria uma ajuda para mim, para viver essa situação do trabalho, para poder olhar para a situação e entender qual é de verdade a minha necessidade e também qual é a necessidade daquelas pessoas que eu quero matar e, no final das contas, são pobres coitadas como eu também sou. Enfim, é uma forma que só a caridade, só Cristo pode dar, uma forma nova de olharmos para a realidade. A caritativa nos ajuda a retomar isso. E esses foram alguns passos que eu dei para poder viver essa situação.

Carrón. Obrigado, porque aqui temos um exemplo do que significa a utilidade da fé para enfrentar uma crise. Qual é a condição para que uma circunstância como esta não destrua a vida? Impressiona-me que ele, depois de ter ido a um encontro do Movimento em que falavam sobre um novo jeito de perceber as circunstâncias, começou a olhar de modo novo para a sua circunstância. Este é um exemplo do que eu dizia sobre o menino na Disneylândia, que quando está com os pais vê a realidade de outro jeito. Por quê? Nós logo achamos que ficamos destruídos porque a maioria das pessoas fica destruída, mas as pessoas estão destruídas por estarem isoladas. Se rompemos o nexo que nos une a Cristo, e a Cristo presente em nosso meio, estamos acabados. Mas quando a pessoa aceita, então dá crédito àquela sugestão que lhe é dada num encontro do Movimento e começa a surpreender-se por não estar destruída. Mais ainda, surpreende-se por fazer coisas que ninguém faria. “Mas como? Ainda está nessa situação, ainda tem de resolver a sua situação financeira, etc., e pensa em dedicar tempo ao Movimento e fazer caritativa? Ele é meio louco!”. Só quem entende que a verdadeira salvação, para evitar que fique destruído, reside nesse vínculo com a realidade de Cristo presente em nosso meio é que começa a descobrir que a caritativa não é uma perda de tempo ou um acréscimo às coisas que tem que fazer, ou então um simples gesto de generosidade para mostrar o quanto é bom, mas algo que nasce da gratidão pelo fato de ver em si mesmo que não foi destruído pela crise. E dedicar tempo à caritativa é uma forma de expressar essa gratidão. E me impressiona ainda mais que o amigo lhe sugeriu fazer caritativa – porque também isso não é óbvio – e lhe deu a seguinte razão: “Porque isso pode ajudá-lo a viver melhor a sua situação”, porque, se você for mais consciente de qual é a sua necessidade, poderá enfrentá-la melhor, a sua e a dos que “lhe causaram isso” (como ele dizia). Este é o valor de uma circunstância que o Movimento nos faz redescobrir como novo: nos faz redescobrir o gesto da caritativa não como o preço que pagar pelo nosso ser de CL, mas como algo para si. E então tudo se torna diferente.

Por isso, aproveitando essa provocação, como ele dizia, quero rerepresentar a todos a proposta da caritativa. Não é que erramos ao repropô-la, uma vez que agora, com a crise, devemos fazer outra coisa. Propomo-la conscientemente, para que possam viver melhor no meio da crise. Por isso peço a todos os responsáveis de todas as cidades que estão conectadas, e a vocês, que verifiquem qual é a situação do gesto da caritativa em cada comunidade; se os gestos propostos são suficientes, de modo que todos os que quiserem participar da caritativa possam ter um lugar aonde ir; se é preciso encontrar outras formas de caritativa para propor à liberdade que cada um tem de escolher aquela que preferir. E depois de termos feito a nossa tentativa de viver a caritativa, como nos propõe Dom Giussani, façamos periodicamente um momento em que, com todos os amigos da comunidade, se verifique como está indo a caritativa: que experiência estamos fazendo, que perguntas surgem, que dificuldades. De fato, a genialidade do método com que Dom Giussani determinou a caritativa é o fato de ser um gesto guiado, pois também a caritativa faz parte da guia da comunidade. Portanto,

aproveito a ocasião de estar aqui com vocês para repropor a todo o Brasil esse gesto, partindo da consciência que nós temos das nossas necessidades. Pois no começo do livrinho da caritativa Dom Giussani diz que “tal exigência [de que nos interessemos pelos outros] é tão original, tão natural, que existe em nós mesmo antes que tenhamos consciência dela, e por isso nós a denominamos justamente lei da existência” (*O sentido da caritativa*). Então nos perguntamos: como pode ser, sendo uma coisa tão natural, que tão pouca gente a faça? Isto diz respeito ao aspecto educativo do Movimento: convido-os de novo a levar a sério esse gesto da nossa história, que Dom Giussani ofereceu para nos educar à consciência da nossa verdadeira necessidade; porque, mesmo sendo natural, se não for constantemente reproposta decai, e assim não entendemos realmente qual é a natureza da nossa necessidade. Porque a caritativa é para nos educar a essa consciência da nossa necessidade. Não é uma espécie de “válvula de escape” da nossa generosidade, mas é um gesto que, por meio da nossa necessidade, abre em nós uma ferida que nos torna conscientes da natureza da nossa necessidade. Quando visitamos pessoas com uma grave deficiência e vemos a nossa desproporção em relação à necessidade delas, uma vez que não podemos medir nada como resultado da nossa ação, esse gesto – vivido periódica e fielmente – se torna uma modalidade para entender o que estamos fazendo na vida. Um gesto como a caritativa é para nos educar a isto. O segundo aspecto pelo qual recomendamos com insistência a caritativa é que, dando-nos conta de qual é a nossa necessidade, podemos entender realmente (como o Benê dizia antes) quem é Cristo. E por isso nos dá vontade de ser gratos. A gratidão nasce dessa consciência: menos mal que você existe, Cristo! Por isso, vivendo com fidelidade o gesto da caritativa, podemos entender também que contribuição podemos dar, neste momento de dificuldade do Brasil, a todos os nossos colegas, amigos e familiares, para ajudá-los a viver uma situação como esta de um jeito que não seja destrutivo. Desejo que este diálogo possa ser de ajuda para enfrentar a dificuldade do momento presente.

Bracco. Além do que foi dito hoje, que será um instrumento de trabalho para fazermos aquela verificação, de que Carrón falava, teremos também, na *Passos*, o texto “Uma presença original”. Carrón, você quer dizer alguma coisa a respeito disso?

Carrón. Na Itália, tivemos de enfrentar uma situação por causa de uma lei sobre as uniões civis dos casais homossexuais, que gerou um certo tipo de pergunta e de dificuldade de diálogo entre nós. Para enfrentar tudo isso, preparei esse texto, no qual eu, em primeiro lugar, tentava responder a essa provocação. Porque eu sou o primeiro a ser desafiado por essa situação! E quero entender se o que vivo é capaz de me fazer estar diante dos desafios da vida. Não quero reduzir meu cristianismo a um tipo de piedade ou a um sentimentalismo, sem verificar se posso dar razões da minha fé perante os desafios de uma forma mais razoável do que o que vejo ao meu redor; uma fé que me permita estar como homem perante os desafios. Porque sempre agradecerei isto a Dom Giussani: desde quando o encontrei – como digo constantemente – ele tornou possível para mim fazer um caminho humano. Por isso não quero deixar nada para trás. O texto que eu tinha escrito anos atrás sobre a crise estava ligado à nossa crise econômica na Europa; depois escrevemos outro texto quando uma menina chamada Eluana sofreu eutanásia; e depois ainda pelas eleições, tudo é uma ocasião para verificar o alcance da fé para a vida. Eu não consigo viver a fé sem medir-me com tudo o que acontece, porque, de outra forma, a minha fé diminui. Mas quando enfrento as circunstâncias a minha fé cresce sempre mais. Vocês podem fazer o que quiserem, mas eu não quero perder a possibilidade dessa verificação.